



FUNDAÇÃO  
CALOUSTE  
GULBENKIAN

CAM

# Didier Faustino

NÃO CONFIEM NOS ARQUITECTOS  
DON'T TRUST ARCHITECTS



# Didier Faustino

NÃO CONFIEM NOS ARQUITECTOS  
DON'T TRUST ARCHITECTS

14 Janeiro - 3 Abril 2011

CAM – Sala de Exposições Temporárias e Sala Polivalente

January 14<sup>th</sup> > April 3<sup>rd</sup> 2011

CAM – Temporary Exhibition Room and Multipurpose Room

Curadoria | Curator

Isabel Carlos

Coordenação | Coordinator

Patricia Rosas

Tradução | Translation

Ruth Rosengarten

Design | Graphic Design

Pedro Leitão

Fotografia | Photography

Paulo Costa

Cortesia do Artista e da Galerie Michel Rein, Paris

Impressão | Printing

Jorge Fernandes, Lda., Artes Gráficas

300 exemplares | copies

Depósito Legal | Legal Deposit

321759 - 11

ISBN: 978-972-635-229-7



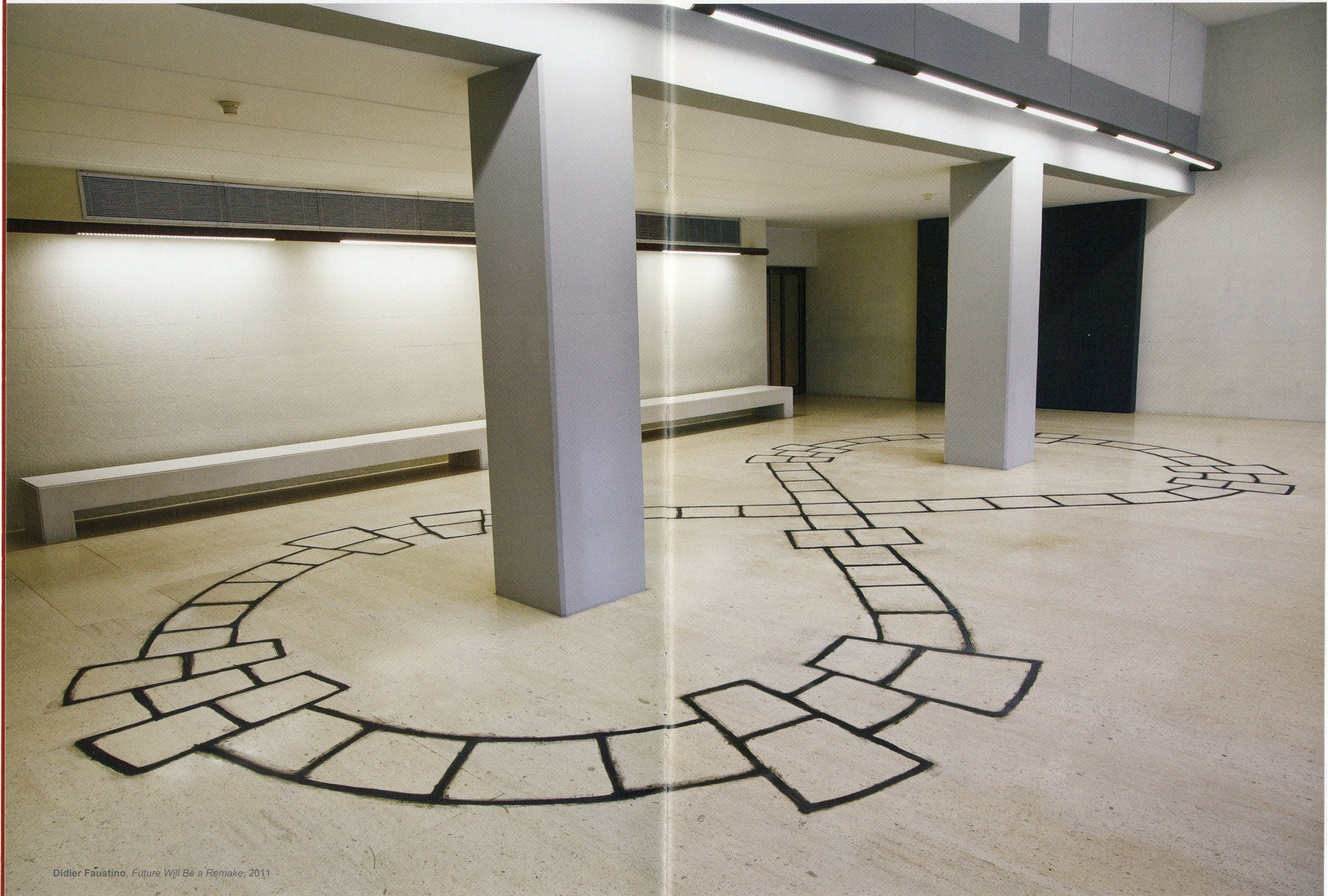
## Experimentar a fragilidade

Artista ou arquitecto. Arquitecto e artista. Este binómio percorre toda a obra e postura de Didier Fiúza Faustino e com o decorrer dos anos e da sua prática tornou-se claro que ele não está interessado em definir se é uma coisa ou outra, mas antes em trabalhar no interstício de ambos os territórios e práticas.

Didier respondeu de um modo tão assertivo ao desafio de conceber uma exposição para uma das zonas mais difíceis e imperfeitas do espaço do CAM – se considerarmos a habitual procura de neutralidade arquitectónica do cubo branco que caracteriza os museus de arte contemporânea –, que corresponde precisamente à sala polivalente e à sala de exposições temporárias. A primeira é um pequeno teatro ou, na expressão portuguesa terna e antropomórfica, um teatro de bolso; e a segunda é uma sala não simétrica, torta e comprida.

É agora claro que estas dificuldades e imperfeições dos espaços, esta dupla pertença em termos de identidade ao mundo das artes performativas e das artes plásticas, não constituem obstáculos, mas antes seduções racionais para Didier Fiúza Faustino trabalhar. Logo no início, unindo as duas salas numa espécie de linha de Moebius contínua, sem começo nem fim, Didier desenha no chão, entre e à volta das duas colunas estruturais desta zona do museu, uma espécie de macaca interminável que convida o espectador a saltar de número em número, num duplo círculo, que, depois de completamente activado e percorrido, criará seguramente uma sensação de desorientação senão mesmo de tontura e de perda de coordenadas. O título é igualmente desorientador e desconcertante: *Future Will Be a Remake*.

Em *Flatland*, o espectador-visitante decidirá se quer abandonar a sua condição primeira de observador e não se limitar a sentar-se nas cadeiras do teatro de bolso e antes descer ao palco, subir as escadas, sentar-se no balancé, accioná-lo e ir de encontro ao ecrã, assim se transformando em actor e activador de uma escultura que é duplamente cinética: movimenta-se e cria uma imagem que remete para o cinema, o contorno do corpo, esfumado por detrás do ecrã, e a sua sombra projectada na parede lateral poderiam pertencer a um filme negro.



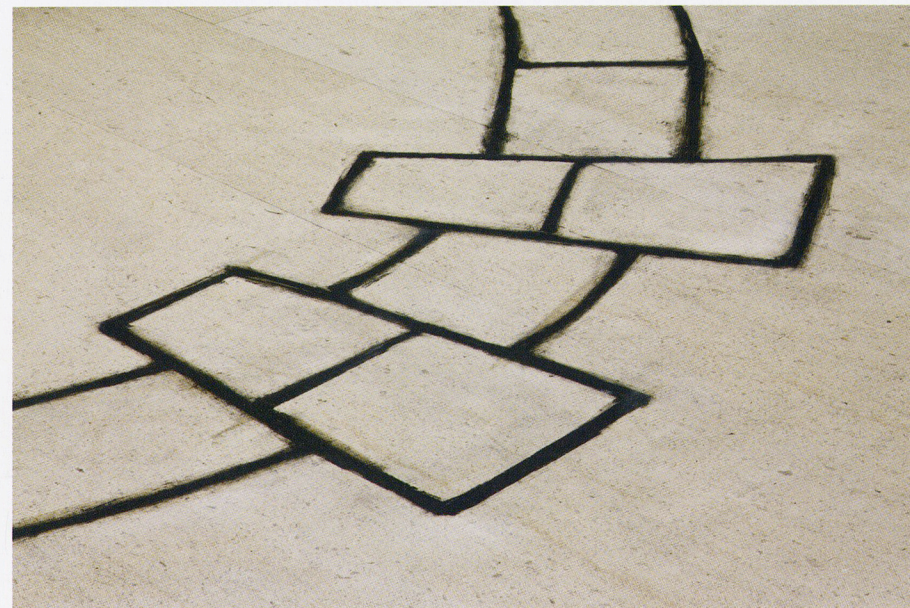
Didier Faüstino, *Future Will Be a Remake*, 2011

A escultura, em madeira tosca, em bruto, implica por parte do visitante alguma coragem física, algum risco – subir e sentar-se numa superfície instável, ter de confiar em que tudo aquilo não cairá.

Nos seus desenhos, os corpos humanos são como figuras transparentes, não têm cor nem raça, não são gordos nem magros, não sabemos de onde vêm e para onde vão, são como personagens de ficção científica – uma referência-influência assumida pelo autor –, são extraterrestres ou intraterrestres que existem num mundo tão real como outro qualquer, desde que acreditemos nele. Quando passam de desenho-projecto a construção-objecto, os corpos tornam-se cápsulas de realidade, portadores de mundividência como em *Instrument for Blank Architecture* em que o espectador – que, mais uma vez, tem de decidir ser activo ou não –, ao colocar a cabeça numa espécie de capacete ou máscara cega, é transportado para o universo sonoro da música de Russell Haswell, ou seja, através da privação da capacidade de ver o que está à sua volta é convocado a criar paisagens mentais e imaginárias.

Em *Trust me*, as colunas deitam, em três línguas diferentes, uma mensagem que é uma espécie de manifesto sobre o que Didier Fiúza Faustino pensa que deve ser o papel da arquitectura e dos arquitectos no mundo de hoje. Constata que o estatuto social do arquitecto é acima de tudo o de ser um instrumento de poder, o de produzir imagens e sonhos tal e qual um publicitário – e assim, as vozes nesta peça de som afirmam que «A arquitectura pode ser uma ferramenta para apurar os nossos sentidos e afinar a nossa consciência de realidade, que tende a ser apagada por excesso de informação, egocentrismo e controlo. Experimentando a fragilidade».

O título da exposição, *Não Confie nos Arquitectos*, é eventualmente provocatório mas é também um convite ao seu contrário. Dito de outro modo, um convite a confiar, a participar, a experimentar a fragilidade, tal como o autor faz em *Exploring Dead Buildings*, um vídeo que regista a *performance* que realizou na Geórgia – no antigo edifício do Ministério das Estradas no tempo do regime soviético, construído em 1975 e da autoria dos arquitectos George Chakhava e Zurab Jalaghania. Nela, Didier Fiúza Faustino conduziu um veículo accionado por duas pessoas, veículo que percorre o espaço abandonado do imóvel numa acção em que tudo é experiência de fragilidade, desde estar dependente e entregue a terceiros à precariedade do veículo.

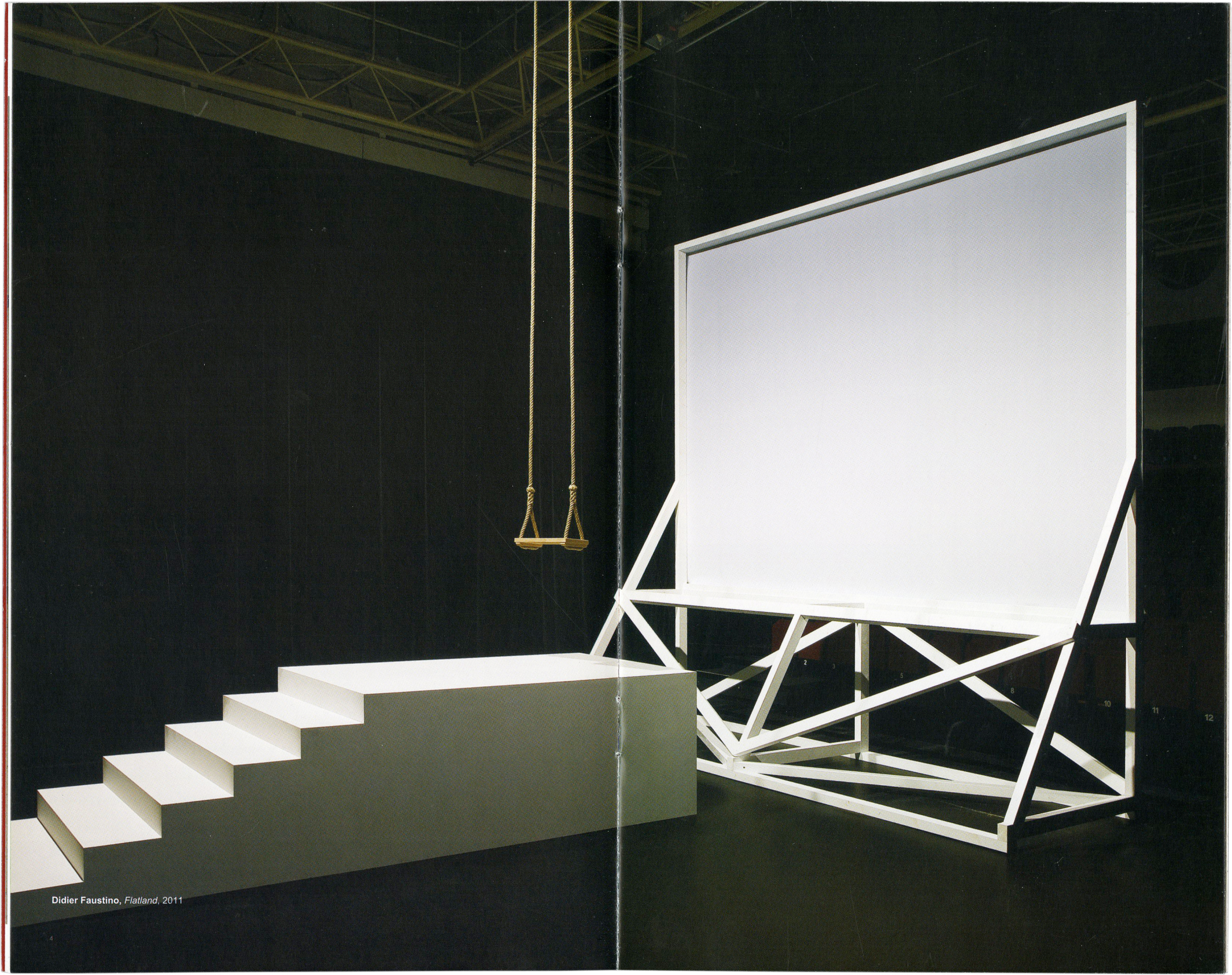


Didier Faustino, *Future Will Be a Remake*, 2011 (pormenor / detail)

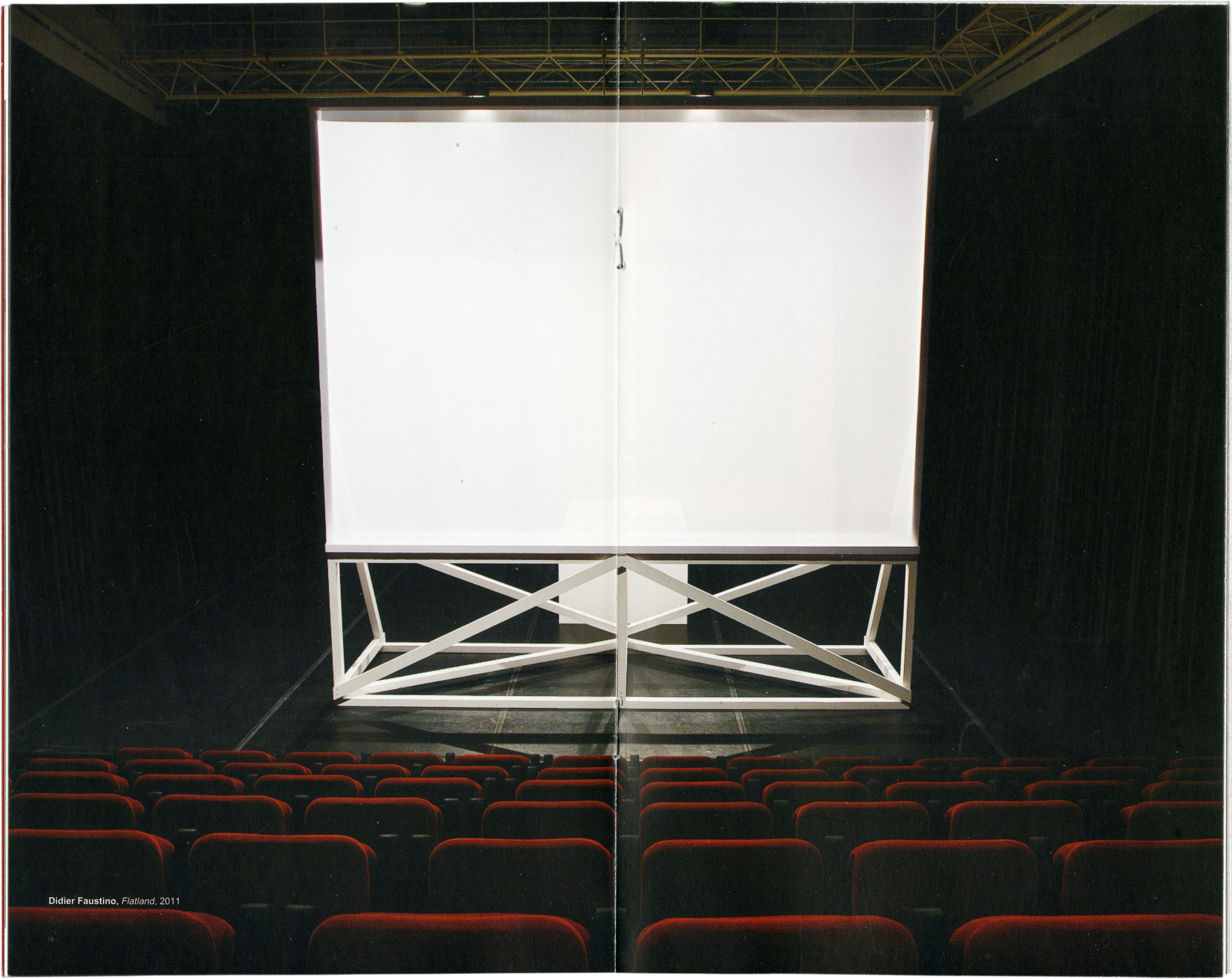
Deixa-te dominar para poderes dominar é o que de algum modo todas as peças-experiências desta exposição parecem induzir, ao destabilizarem precisamente não só o espaço mas sobretudo a nossa condição de espectadores passivos de um museu. Do museu ou do mundo? Não confiem nos arquitectos, disse ele.

Isabel Carlos

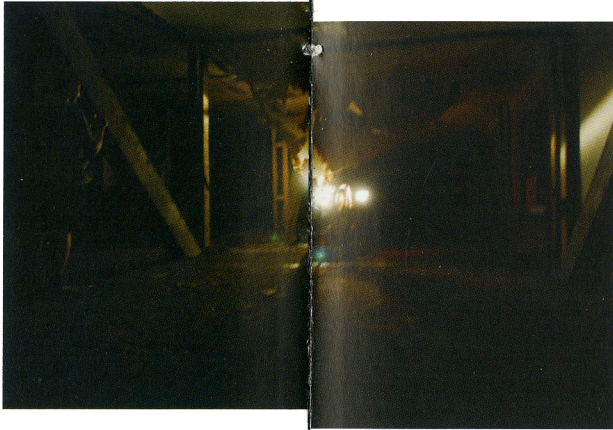
<sup>1</sup>Cf. Philip Ursprung in Didier Fiúza Faustino, *Bureau des Mésarchitectures*, DD: Design Document Series, 21, 1.ª ed., Seul, Damdi, 2007, p. 10.



Didier Faustino, *Flatland*, 2011



Didier Faustino, *Flatland*, 2011



Didier Faustino, *Exploring Dead Buildings*, 2011 (stills)



## Experiencing fragility

Artist or architect... architect and artist. This pairing informs Faustino's professional stance and runs through his entire oeuvre. With the passing of time and the evolution of his practice, it has become clear that he is not concerned with defining himself in or the other of these terms, but rather, that his interest lies in straddling the interstice between them.

Didier responded so positively to the challenge of conceiving an exhibition for the multipurpose room and the temporary exhibition gallery, among the most difficult and imperfect areas of the CAM's building – that is, if we consider as the norm the habitual desire of artists for the architectural neutrality of the white cube that generally characterises museums of contemporary art. The former is a small theatre (or, in the sweetly anthropomorphic Portuguese expression, a pocket theatre); the latter is an asymmetrical hall, crooked and long.

It is now clear that such spatial difficulties and imperfections – and indeed, that this double belonging to the world of fine arts and that of the arts of performance – constitute no obstacle to Didier Fiúza Faustino. On the contrary, to him, they are entirely reasonable seductions.

Right from the entrance of the exhibition, underlying the two exhibition spaces like a Möbius strip, with neither beginning nor end, Didier has drawn a hopscotch form on the floor, running between and around the two structural columns of this area of the museum. This endless game, inviting the viewer to jump from number to number in a double circle, once begun, creates a sense of disorientation, if not actually giddiness and loss of direction. The title of the piece is equally disorienting and unsettling: *Future Will Be a Remake*.

In *Flatland*, the visitor-viewers must first decide if they want to abandon their status as observer and not restrict themselves to sitting on the theatre seats, but rather, make their way to the stage, climb the steps, sit on the swing, setting it in motion and moving in the direction of the stage, thus transforming themselves into actors, the activators of a sculpture that is both kinetic and cinematic. For it not only moves, but also creates an image that alludes to film: the outline of the viewer's body, hazy behind the screen, nad

his/her projected shadow on the side wall could well come from *film noir*. The sculpture, roughly hewn in wood, demands a certain amount of courage – an element of risk – from the viewer: to climb onto and sit upon an unstable surface, to trust that the structure won't collapse.

In his drawings, human bodies are like transparent ciphers,<sup>1</sup> they have neither colour nor ethnicity, they are neither fat nor thin, we don't know from where they come or to where they are going: they are like beings from science fiction, a reference/influence that the artist acknowledges. Extraterrestrial or intraterrestrial, they exist in a world that is as real as any other, so long as one believes in it. When they are transported from project/drawing to construction/object, these bodies become capsules of reality, bearers of a whole way of life, as in *Instrument for Blank Architecture*. Here, in donning a kind of helmet or eyeless mask, the spectator – who once again is invited to decide whether or not s/he wants to be an active participant – is transported to the sound world of Russell Haswell's music. In other words, in being deprived of the capacity to see, the viewer/participant is invited to create mental images and imaginary landscapes.

In *Trust me*, we hear proclaimed in three languages through loudspeakers a kind of manifesto of Didier Fiúza Faustino's conception of the role of architecture and of architects in the contemporary world. He observes that the social role of architects is primarily as an instrument of power, to produce images and dreams almost as an advertisement might. Thus it is that the voices in this sound piece proclaim that "Architecture can be an instrument for honing or senses and fine-tuning our awareness of reality, that tends to be blunted by an excess of information, self centredness and control. Experimenting with fragility."

The title of the exhibition, *Don't Trust Architects*, is, arguably, provocative, but it is also an invitation to its antithesis. Put otherwise, it can be seen as an invitation to trust, to participate, to experience the fragility, as the artist does in *Exploring Dead Buildings*. This was a video piece of the performance that Faustino staged in Georgia, in a building that, in Soviet times, had housed the Ministry of Roads. Constructed in 1975, it was designed by architects George Chakhava and Zurab Jalaghania. In it, Didier Fiúza Faustino drove a vehicle that had been set in motion by two other people. This vehicle traverses the whole extent of the abandoned space, an action in which all is fragility, from the dependence of the passenger on the agency of third parties, to the

invitation to its antithesis. Put otherwise, it can be seen as an invitation to trust, to precariousness of the vehicle itself.

Let yourself be controlled in order to take control seems to be what all the pieces in this exhibition are trying to tell us, in destabilising not only the space but above all our status as passive viewers in a museum. Viewers in a museum... or in the world at large? Don't trust architects, Faustino warns us.

Isabel Carlos

[Translator's note: the Portuguese word 'experimentando' used here and in the title of this essay is not fully captured by any English word, for it means both experimenting with, and experiencing.]

<sup>1</sup>Cf Philip Ursprung in Didier Fúza Faustino, *Bureau des Mésarchitectures*, DD: Design Document Series, 21, 1.<sup>a</sup>ed., Seoul, Damdi, 2007, p. 10.



FUNDAÇÃO  
CALOUSTE  
GULBENKIAN

## CAM

Directora  
Director  
**Isabel Carlos**

Curadoria e Gestão da Coleção  
Curatorship and Collection Management

**Ana Vasconcelos e Melo**  
**Leonor Nazaré**  
**Patrícia Rosas**  
**Rita Fabiana**

Arquitetura, Montagem e Grafismo  
Architecture, Installation and Design

**Cristina Sena da Fonseca**  
**Paulo Santos**  
**Pedro Leitão**

Produção  
Production

**Ana Gomes da Silva**  
**Rita Lopes Ferreira**

Arquivo Fotográfico  
Photography Archive

**Paulo Costa**  
**Teresa Cartaxo**

Controlo de Gestão  
Accounting

**Ivone Santos**  
**Luís Gil**

Apoio Administrativo  
Administrative Support

**Ivone Massapina Pinto**  
**Rosário Lourenço**

Museografia  
Museography

**Carlos Catarino**  
**Carlos Gonçalves**  
**José Nunes de Oliveira**

Educação Artística  
Arts Education

**Fátima Menezes**  
**Margarida Ramos Vieira**  
**Susana Gomes da Silva**

[www.cam.gulbenkian.pt](http://www.cam.gulbenkian.pt)

## CAM

Rua Dr. Nicolau Bettencourt, 1050-078, Lisboa | Tel. 21 782 34 74  
De terça a domingo das 10 às 18 horas

Rua Dr. Nicolau Bettencourt, 1050-078, Lisbon | Phone: 21 782 34 74  
Tuesdays through Sundays 10 am – 6 pm

## VISITAS

**Encontros ao Fim da Tarde**  
**14 Jan. (Sex.) às 17h00**  
Isabel Carlos e Didier Faustino

**1 Abr. (Sex.) às 17h00**  
Isabel Carlos

**Domingos com Arte**  
**16 Jan., 13 Fev. e 3 Abril (Dom.) às 12h00**  
*por Sofia Ponte*

**Uma obra de arte à hora de almoço**  
**1 Abr. (Sex.) às 13h15**  
*Instrument for Blank Architecture*  
*por Sofia Ponte*

## Programa C<sup>2</sup>

**Um artista no IGC – palestras:**  
**12 Jan. (Qua.) às 17h00**  
*por Didier Faustino*

**Visitas para cientistas – CAM:**  
**12 Fev. (Sáb.) às 12h00**  
*Um outro olhar sobre a exposição*

**Não Confie nos Arquitectos – Didier Faustino**  
*por Susana Anágua*

**Um cientista no CAM – visitas:**  
**30 Mar. (Qua.) às 17h00**  
Investigador do IGC a designar

Oficinas para famílias e crianças  
**Visitas para escolas e grupos organizados**  
Marcações / Informações  
Descobrir  
Programa Gulbenkian Educação para a Cultura  
Tel. 217823800  
[descobrir.marcacoes@gulbenkian.pt](mailto:descobrir.marcacoes@gulbenkian.pt)  
[www.descobrir.gulbenkian.pt](http://www.descobrir.gulbenkian.pt)

VISITE A COLECCÃO DO **CAM** EM  
EXPLORE **CAM**'S COLLECTION AT

[www.cam.gulbenkian.pt](http://www.cam.gulbenkian.pt)

**CAM**2011